

Telejornal Livre Acesso Edição Especial – Lixo¹

Janini Garcia SANCHES²

João Felipe Lolli e SILVA³

Jorge Leis Teixeira REIS⁴

Lorena Cristine SILVA⁵

Luísa Carolina Oliveira de MORAES⁶

Maressa Nunes BARBOSA⁷

Pablo L.Gomes BARROSO⁸

Thalita R. Neves de OLIVEIRA⁹

Adriano Medeiros da ROCHA¹⁰

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG

RESUMO

O trabalho a seguir descreve as características da edição especial do Livre Acesso, telejornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Propondo fugir do modelo tradicional dos telejornais diários, esta edição especial discute sobre o lixo - tema que foi escolhido tanto por sua importância social como pela falta de discussão do assunto na região de Ouro Preto e Mariana. Todas as pautas foram abordadas buscando um maior grau de aprofundamento, na tentativa de oferecer ao telespectador ferramentas que possibilitem a ele compreensão de parte significativa da realidade social ao seu redor.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; telejornalismo; lixo, livre acesso.

1 INTRODUÇÃO

O telejornal Livre Acesso - Edição Especial Lixo foi produzido com o intuito que se discutisse um tema de relevância social para os moradores de Mariana em um formato que escapasse dos moldes tradicionais dos telejornais diários. Durante a disciplina de Telejornalismo, o grupo produziu dois programas com características diferentes. O primeiro, mais tradicional, foi construído com apresentação em estúdio, moldado com elementos como o uso da bancada, pautas que abrangiam temas factuais, utilização de um roteiro mais delimitado e previamente pesquisado e produzido, que não dava muita

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na categoria Jornalismo, Modalidade Produção laboratorial em videojornalismo e telejornalismo.

² Aluna líder do grupo e estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFOP, email: janisanches@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFOP, email: lolli.jf@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFOP, email: jorgeleisreis@gmail.com.

⁵ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFOP, email: lorena.ufop@hotmail.com.

⁶ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFOP, email: luisa-carolinaa@hotmail.com.

⁷ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFOP, email: maressanb@gmail.com.

⁸ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFOP, email: pablogomes@ymail.com.

⁹ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFOP, email: thalitanevesufop@gmail.com.

¹⁰ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFOP, e-mail: adrianomedeiros.ufop@gmail.com.

liberdade ao repórter e que nem sempre permitia que ele tratasse do tema de modo mais profundamente.

Já na segunda edição, com o tema lixo, o grupo teve a liberdade de fazer um produto diferente, uma vez que foi dada a possibilidade de experimentação. Por isso, escolhemos criar um telejornal temático e que diferisse das características tradicionais do telejornalismo. Neste programa, propusemos um diferencial: o questionamento do fazer-jornalístico enquanto se produzia as matérias. O tema foi abordado a partir de quatro diferentes angulações que, no fim, estavam entrelaçadas e dialogavam entre si: o cotidiano dos garis que recolhem o lixo de Mariana, o aterro sanitário do município, o Centro de Aproveitamento de Materiais Recicláveis (CAMAR) e o trabalho de um catador de material reciclável que faz o recolhimento nas ruas da cidade.

2 OBJETIVO

O Livre Acesso Edição Especial – Lixo surgiu da ideia de se fazer um telejornal informativo que abordasse temas sociais. Para tanto, o assunto deveria se encaixar no que o autor Mats Ekström afirma ser a intenção ao comunicar uma informação: ela deve ser suficientemente relevante, suficientemente interessante e suficientemente necessária.

A importância da temática escolhida para essa edição começa desde a primeira pergunta feita pela apresentadora no início do telejornal, “você sabe o que acontece com o lixo depois do simples ato de colocar a sacolinha para fora?”. Apesar desse ato corriqueiro, muitos dos moradores da região não sabem a resposta para essa indagação. E este foi o norte que usamos para a construção deste Livre Acesso. Portanto, o objetivo desse programa foi mostrar como este trabalho tão importante, porém tão invisível é feito, quem são as pessoas que o fazem, por que o fazem e as dificuldades que enfrentam.

A intenção ao construir o programa com as várias vertentes do mesmo tema, foi que o telespectador não o veja apenas como mais um informativo, mas que a partir daquilo que está sendo mostrado, reflita sobre seu papel, e entenda que a mudança de seus atos pode influenciar o trabalho de todas as pessoas envolvidas no processo. Segundo Iluska Coutinho, “aliada a outros agentes de significados partilhados, a transmissão das mensagens jornalísticas através da TV é hoje um importante instrumento para a transformação dos indivíduos em cidadãos do mundo.” (2008, p.2).

3 JUSTIFICATIVA

A proposta de linguagem nesta edição especial do Livre Acesso foi discutir o fazer jornalístico enquanto as próprias produções externas eram desenvolvidas. É por isso que em todas as reportagens a câmera começa a gravar antes de a equipe chegar ao local. Assim, o preparo da pré-reportagem, as dúvidas, as conversas com as fontes, a impressão dos repórteres, as formas como eles conduziram a apuração in loco e se relacionaram com o assunto são exibidos diante do olhar do telespectador. Neste formato vai ao ar cenas que seriam descartadas em telejornais mais tradicionais. Segundo Thiago dos Santos, que fala sobre o endereçamento do programa “Profissão Repórter” exibido pela *Rede Globo*:

“O programa aproxima o jornalismo da sensibilidade, alterando a imagem defendida por certa tradição teórica que pensa que o jornalista tem que ser observador imparcial da realidade. É uma mudança na concepção do que é jornalismo, aproximando-se muito mais à concepção defendida por autores dos estudos culturais.”
(SANTOS, 2011, p.193)

O Livre Acesso Edição Especial Lixo se torna importante também para a comunidade local, carente de produtos audiovisuais que falem sobre cotidiano da região. Dessa forma, é um importante veículo para que a população fique ciente dos problemas que a cidade enfrenta e, ao mesmo tempo, se veja inserida no contexto da sociedade construída na narrativa apresentada no telejornal. Como Iluska Coutinho afirma, o jornalismo de TV que tenha um caráter local pode influenciar o sentimento de pertencimento do cidadão, de reconhecimento por ele do que seria o seu espaço público; o telespectador que assiste ao telejornal local se identifica com o que está vendo porque a notícia da cidade apresentada na tela efetivamente faz parte da sua vida cotidiana. (2008, p.4)

A edição especial do Livre Acesso deu voz a personagens que, pelo trabalho que exercem se tornam invisíveis. Garis e catadores de materiais recicláveis fazem seu trabalho diário mantendo a cidade limpa e pensando sempre no meio ambiente - atividade esta que grande parte da população só percebe quando o serviço desses profissionais não é executado. Apesar de moradores da cidade, estas pessoas são vistas, mas dificilmente enxergadas, e precisam aprender a conviver diariamente com o descaso.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O Livre Acesso Edição Especial – Lixo foi constituído com um formato diferente de todos os produtos apresentados na disciplina. Para isso, foi necessário absorver o máximo possível das técnicas de filmagem, roteiro e edição para que pudéssemos liquidificá-las e transformá-las nesta linguagem de experimentação que foge dos formatos mais tradicionais dos telejornais.

Apesar das pautas terem sido elaboradas e apuradas antes de chegarmos a campo, o momento das filmagens também representou outro instante de apuração da matéria, no qual o repórter tinha que improvisar de acordo com as informações que encontrava, ou deixava de encontrar no local. O repórter teve também que lidar com a imprevisibilidade de qual rumo a reportagem tomaria a partir da sua maior participação na mesma e da exposição dos bastidores da construção da notícia.

Os horários de filmagem não puderam ser escolhidos da melhor forma para o adequado aproveitamento das condições de luz, pois eles seguiam de acordo com a rotina de quem ou do que poderia ser filmado. O mesmo aconteceu para os métodos de filmagem, os equipamentos, câmeras HD de mão (handcams), microfone estilo “sorvetão” para captação de som direcional e microfone tipo “boom”. Quando a intenção era deixar o quadro livre desses aparatos, nem sempre eram utilizados, mas sim de acordo com as possibilidades.

Por exemplo, a gravação no caminhão junto dos garis, em que foi possível contarmos apenas com o microfone da própria filmadora. Ou na matéria do catador de material reciclável, em que a repórter cinematográfica teve que acompanhar a caminhada pelas ruas da cidade segurando a câmera e os fios, sempre tentando não perder o enquadramento.

Após a gravação das reportagens, todo o material foi assistido, selecionado e editado de forma que fosse construída uma narrativa que entrelaçasse todas as histórias a serem contadas. Para Paternostro (1999) é através da edição que a reportagem toma seu formato antes de ir ao ar. As trilhas sonoras escolhidas possuem papel fundamental nesta construção, pois dão ritmo e reforçam o sentimento que o telejornal pretende passar. Para manter as características do formato escolhido, a apresentação dispensa bancada em estúdio e o *croma key*, para que os bastidores anunciados pela apresentadora sejam conhecidos.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para a produção do Livre Acesso – Edição Especial Lixo o grupo dispunha de oito membros, divididos entre apresentação, reportagem, cinegrafia, edição de vídeo e edição geral, além do professor orientador. Como as pautas eram trabalhosas, alguns membros da equipe desempenharam mais de uma função. Esse fato foi de fundamental importância para lidar com o desafio de cumprir o *deadline* e, principalmente, fazer com que todos os membros do grupo tivessem uma visão macro do processo produtivo, não ficando restritos apenas às suas respectivas pautas.

Então definidos o tema do programa e as funções da equipe, deu-se início à produção: elaboração das pautas e suas angulações, definição dos quadros de cobertura e filmagem, busca das fontes e agendamento com as mesmas, além do aprofundamento na pesquisa de conteúdo. Todos esses elementos foram roteirizados segundo a proposta do grupo: permitir maior liberdade de produção, sobretudo aos repórteres, mas também aos cinegrafistas e editores. VILLELA (2008) fala de algumas características que precisam ser lembradas no momento em que se produz informação para a televisão:

“Em telejornalismo, o trabalho de reportagem começa dentro da redação, no serviço de apuração feito pelo estagiário e produtor e continua quando o repórter vai até o local para averiguar os fatos e relatar aquilo que se pode confirmar, e também pelo editor, que ajuda a encontrar a melhor maneira de contar a história. Na rua, para decodificar as informações em notícia, o primeiro passo do jornalista é aproximar-se dos envolvidos com o fato de conversar. Perguntar e colher de todas as fontes o maior número de dados possíveis para entendimento e configuração da reportagem.” (VILLELA, 2008, p.147).

Porém, surgiram alguns impasses durante o percurso. Entrevistas que precisaram ser remarçadas e algumas fontes precisaram ser alteradas (por conta de imprevistos ou por questões de disponibilidade na agenda das fontes). Esses foram alguns dos problemas mais comuns enfrentados pela equipe, contudo menos graves. O maior desafio foi quanto à necessidade de reformulação de determinadas pautas, como a do Aterro Sanitário e da Coleta e Reciclagem de material. Esse fator levou a dupla repórter/cinegrafista a uma situação de grande improviso, pois, ao chegar no local definido na pauta, e percebendo que não seria possível cumprir o que estava previsto, os membros viram-se obrigados a repensar, de súbito, uma nova angulação e buscar pormenores da reportagem. Por outro lado, essa questão do improviso era um ponto a favor se pensada quanto à proposta de se afastar dos formatos padrões de produção de um telejornal.

Inicialmente, a matéria do Aterro Sanitário propunha ao repórter encontrar um catador que sobrevivesse do ofício nesse aterro e, ali, conversasse livremente com ele. A ideia era fazer desta fonte um personagem capaz de humanizar a narrativa proposta, servindo como um modelo com o qual os demais trabalhadores pudessem se identificar. No entanto, chegando ao local, viu-se que isso não seria possível ao constatar que os catadores da cidade não trabalhavam diretamente no aterro, mas sim em uma coleta prévia do lixo, pelas ruas de Mariana. Assim, chegou-se à reelaboração também da pauta da Coleta e Reciclagem de material que, agora, teria como angulação a história de um personagem. Ou seja, inverteram-se os papéis: a pauta do Aterro, inicialmente pensada em um formato mais humanizado, dirigiu-se à uma perspectiva mais factual; enquanto uma pauta que seria factual tomou rumos mais literários.

Esses fatores poderiam ter sido amenizados por meio da pesquisa prévia, no momento de produção das pautas. Contudo, não o foram, caracterizando outro agravante no processo produtivo. Os contatos com as fontes oficiais de Mariana – com o intuito de saber sobre o funcionamento do Aterro, permissão de entrada, horários de trabalho, presença de catadores e de centros de reciclagem no local e também em outras partes da cidade – eram conturbados devido a uma grande burocracia que envolve a Prefeitura do município quanto ao repasse de informações.

Sobre a pauta do Caminhão de lixo e dos garis, a empresa responsável pela coleta é terceirizada, e um dos impasses foi garantir aos seus proprietários que as imagens e entrevistas ali coletadas ficariam restritas apenas às atividades institucionais e acadêmicas, como exibição e debate em sala de aula e eventuais participações em congressos.

Resolvido esse impasse inicial, a produção da matéria seguiu conforme o planejado. Um repórter e um cinegrafista acompanharam um dia de trabalho de uma equipe da coleta de lixo em Mariana, onde o repórter – de uma maneira bem participativa - auxiliou, em parte, os garis no recolhimento do lixo, enquanto o cinegrafista registrava as imagens. Essa opção se deu para que o repórter pudesse compreender com maior realidade a dimensão do trabalho de quem recolhe o lixo pelas ruas da cidade. As passagens do repórter foram gravadas durante o trabalho da equipe de coleta, seja na calçada recolhendo o lixo, na caçamba enquanto o caminhão se movimentava, e ainda na cabine, durante uma entrevista com o motorista. Talvez o maior desafio desta reportagem tenha sido a captação de imagens, já que pela proposta adotada pelo grupo, o cinegrafista teve que acompanhar todo o processo da coleta de lixo, registrando as imagens e se segurando com uma das mãos no

caminhão em movimento, enquanto a outra manuseava a câmera. Segundo Rezende, é da imagem a maior importância nas matérias televisivas, tendo em vista que a televisão é um veículo de forte apelo imagético.

“A função prioritária que a imagem ocupa na comunicação telejornalística requer uma preparação especial do jornalista de TV para que ele tire maior proveito das potencialidades expressivas do veículo. É indispensável o conhecimento de todo o processo de codificação e decodificação de mensagens visuais, especialmente no que diz respeito às características semânticas das imagens em movimento” (REZENDE, 2000, p. 43-44).

O formato adotado para a apresentação do telejornal também foge do modelo tradicional de produção, no qual, muitas vezes, o jornalista apresenta as notícias sentado e, ao mesmo tempo, margeado e seguro por uma bancada de madeira ou acrílico. Essa mudança foi intencionalmente pensada, de modo a reforçar a proposta editorial do grupo. Dessa maneira, logo que o telejornal começa, a mensagem que já fica implícita ao telespectador (ou explícita, caso se leve em conta os as posições da câmera e enquadramentos utilizados, que deixam transparecer cenário e equipamentos) é a de que o conteúdo ao qual ele assistirá foi produzido de forma alternativa.

Outro aspecto irreverente é o fato de a presença da apresentadora restringir-se ao início do programa. A mesma aluna volta a aparecer no decorrer do telejornal, mas na função de repórter. Durante as chamadas de inter blocos também não há a necessidade da imagem desta apresentadora em estúdio. Por fim, no término do programa, o que se ouve é um texto de encerramento em off, coberto por imagens do processo produtivo que, mais uma vez, dispensa a presença de um jornalista em estúdio.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do telejornal Livre Acesso edição especial foi de grande aprendizagem para todos os envolvidos no processo que serviu como um espaço da experimentação, da emoção, do erro advindo da inexperiência, da ousadia, da vontade de fazer algo novo e diferente. Ferreira dos Santos nos mostra que as estratégias utilizadas permitem ao programa construir em torno de si uma função metalinguística do jornalismo, em que os jornalistas explicam as suas práticas profissionais no decorrer da produção das histórias ali relatadas. (2011, p.12)

Em cada reportagem foi possível perceber que os personagens ali mostrados, não

eram somente os entrevistados, mas também os repórteres que imergiram, experimentaram e viveram o momento da reportagem. Desse modo, eles puderam transmitir suas sensações e não serem somente um intermediário da informação apresentada. Em muitos momentos do programa foi possível perceber pequenos erros, mas eles foram deixados ali propositalmente. De acordo com Ferreira dos Santos, aos jovens repórteres, é dado o lugar do inexperiente, aquele que ousa, que quer aprender, que não possui ainda a perícia técnica do experiente. Todas as estratégias utilizadas, para além das histórias contadas, têm como objetivo possibilitar ao telespectador acessar o processo de construção das reportagens. (2011, p.193).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.

BUCCI, Eugênio. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

CARVALHO, Alexandre (et al.). **Reportagem na TV : como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

COUTINHO, Iluska. **Identidade no Telejornalismo Local: A Construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu Público**. In: I Colóquio Internacional Televisão e Realidade, 2008.

EKSTRÖM, Mats. **Information, storytelling and attractions: TV journalism in three modes of communication**. Media, Culture & Society, 2000, Vol. 22, 465-492.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV : manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SANTOS, Thiago Emanuel Ferreira. **Infotainment na TV: As estratégias de endereçamento do Profissão Repórter**. In: Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo. Bahia, 2011.

VILLELA, Regina. **Profissão: jornalista de TV: telejornalismo aplicado na era digital**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.